

50 ANOS DA FACULDADE DE MEDICINA DE SOROCABA “Por que nos orgulhamos de ser formados por Sorocaba”

Diana Tannos¹, Newton de Oliveira², João de Campos Aguiar Filho³, Edgard Steffen⁴

Uma campanha do Conselho Federal da Medicina, em andamento, procura proibir a criação de novas faculdades de medicina em nosso País. Sem entrar no mérito da questão, se o nível cultural-científico dos formandos vem baixando ou não, vale a pena refletir sobre o significado e a importância de Sorocaba, como sede da primeira Faculdade de Medicina criada no interior do Brasil.

Há meio século, embora outras importantes cidades do Estado de São Paulo postulassem uma escola médica, Sorocaba chegou antes. Havia um decreto autorizando a criação em Ribeirão Preto mas o seu funcionamento foi posterior. Em 1950, havia apenas duas faculdades de medicina, ambas na capital do Estado: uma integrando a Universidade de São Paulo e a outra pertencente a uma Fundação de caráter privado. Juntas formavam 130 médicos por ano, número insuficiente para cobrir a carência de profissionais num Estado que contabilizava 10 milhões de habitantes.

Os estudantes que aspiravam a profissão médica vinham dos cursos colegiais “Científicos” ou dos “Cursinhos” (o mais famoso daqueles tempos era o “Brigadeiro”). Do ponto de vista desses jovens, a nota publicada nos jornais Folha da Manhã e O Estado de São Paulo, informando que seria instalada uma faculdade de medicina ligada a uma certa Fundação Sorocaba e sob os auspícios de uma Universidade Católica (PUC-SP), era bastante alvissareira porque aumentava em quase 50% o número de vagas oferecidas aos pretendentes à carreira escolhida.

Do ponto de vista da sociedade civil, a notícia também era boa porque – e este foi um dos bons argumentos utilizados pelos idealizadores Gualberto Moreira, Cônego André Pieroni e Dr. Linneu Mattos Silveira – a carência de médicos nos municípios do interior, inclusive na Região Centro-Sul do Estado, era preocupante. Entendia-se que o maior número de doutorandos – as residências médicas eram privilégios de pouquíssimos – acabaria por levá-los a municípios que não contavam com o profissional.

No primeiro vestibular foram admitidos 51 alunos: 6 de Sorocaba, 19 de São Paulo e 26 do interior (numa “licença poética”, incluídos 4 santistas). Com as reviravoltas do curso, formaram-se 39 médicos incluindo 3 transferidos de outras faculdades.

Teria havido a interiorização pretendida? O quadro seguinte, resume:

Tabela I – Origem e destino da 1ª Turma da Faculdade de Medicina de Sorocaba

Local	Procedência dos aprovados no 1º vestibular	Local de início das atividades dos formandos da 1ª turma (1956)	Local de início das atividades dos aprovados no 1º vestibular, após formados
Sorocaba	6	10	11
São Paulo	19	16	22
Interior	26	13	18
Total	51	39	51

Um dos motivos para a limitação de novos cursos médicos é a carência de docentes preparados para tão nobre e difícil missão. Qual era a situação nos anos 50?

A cátedra era vitalícia e, chegar a alguma da USP era o objetivo maior da comunidade científica. Era a *pole position* que dava ao vencedor oportunidades de pesquisa, reconhecimento nacional e internacional além de garantir subsistência e remuneração dignas. Os mestres de nosso primeiro corpo docente eram, em sua maioria, postulantes à cátedra USP... quase todos chegaram lá. Citando nomes, há sempre o perigo de cometer omissões ou injustiças, mas impossível deixar de mencionar os professores: Odorico Machado de Souza (Anatomia), Carlos da Silva Lacaz (Microbiologia), Antônio Dacio Franco do Amaral (Parasitologia), Constantino Mignone (Anatomia Patológica) e Charles Edward Corbertt (Farmacologia) que foram os sucessores de Bovero/Renato Locchi, Ernesto de Souza Campos, Samuel Pessoa, Cunha Motta e Jayme Arcoverde Cavalcante, professores emblemáticos da Casa de Arnaldo. Também os assistentes brilharam: Paulo Almeida Machado (Bioquímica) foi Ministro da Saúde do Governo Geisel, Rubens Campos (Parasitologista) atingiu a cátedra na USP e William Saad Hösne (Técnica Cirúrgica) que foi um magnífico Reitor da UNESP.

Além da qualidade dos docentes, as Cadeiras Básicas eram equipadas com instrumentos modernos, preparações novas, e surtidas de pessoal auxiliar-técnico treinado na USP ou na Escola Paulista de Medicina.

Havia deficiências? – Sem dúvida. Elas começaram principalmente quando chegou a prática hospitalar. O Hospital Santa Lucinda, construído pelas Indústrias Votorantim e doado pelos Ermírio de Moraes à Faculdade de Medicina da Fundação Sorocaba, cumpriu o seu papel até suas limitações, dando-a condição razoável de formação geral para o exercício da ciência e arte médica. Especialidades como Moléstias Infecciosas nos obrigaram a viagens ao Hospital Emílio Ribas; Obstetrícia, a plantões em maternidades de São Paulo; Tisiologia, a incursões no antigo e acanhado Hospital Leonor Mendes de Barros (hoje, localizada a FATEC-Sorocaba), e Psiquiatria ministrada no Hospital dos Insanos

Rev. Fac. Ciênc. Méd. Sorocaba, v. 2, n. 1, p. 30-31, 2000

¹ Professora associada de Histologia.

² Ex-Professor titular de Anatomia.

³ Ex-Professor assistente de Anatomia.

⁴ Ex-Professor de Parasitologia Médica.

* Ex-alunos integrantes da Primeira Turma formada pela Faculdade de Medicina de Sorocaba em 1956.

(hoje, Jardim das Acácias). Também não foi solucionada nossa formação em urgência/emergência.

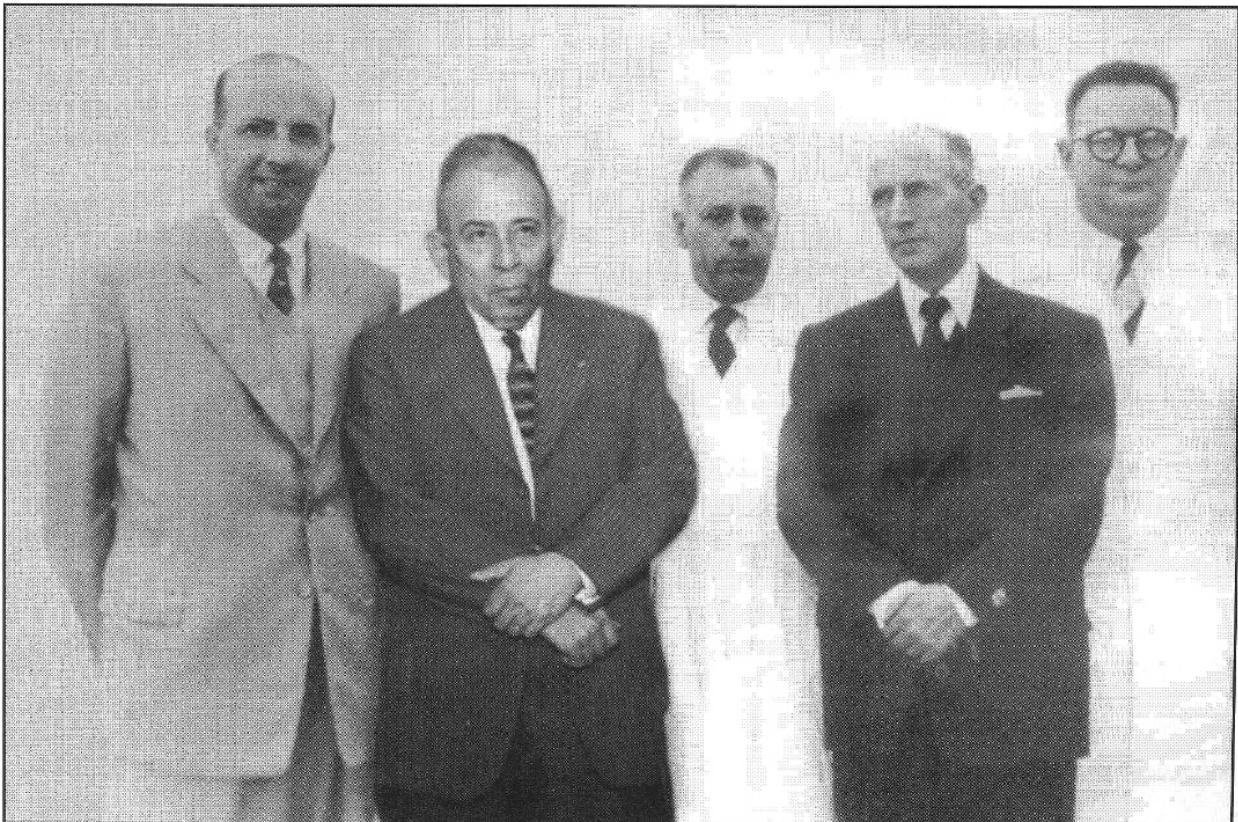
O sacrifício financeiro imposto à Fundação Sorocaba pelas atividades hospitalares de nível universitário – o Conjunto Hospitalar construído pelo Governo do Estado ainda não existia – foi certamente fator ponderável, senão determinante para a dissolução daquela fundação e conseqüente destino de seus bens à Fundação São Paulo, conforme determinação estatutária.

A bem da verdade, diga-se que a carência de leitos hospitalares foi suprida pela extrema dedicação tanto dos catedráticos como dos seus assistentes, praticamente sem exceções. Também pelo entusiasmo daqueles alunos plenos de sonhos que conseguiram ingressar numa escola médica plena de idealismo. Essas qualidades – dedicação e entusiasmo – persistiram com as turmas que nos foram contemporâneas; tínhamos todos a certeza de estar numa das melhores faculdades de medicina do Brasil.

Havia problemas? Seríamos ingênuos se não os admitíssemos. Crises de natureza docente, assistencial e financeira fizeram

parte da história de nossa querida escola. Se na fundação, os créditos maiores foram para a dupla Prefeito Gualberto Moreira e Cônego André Pieroni, na consolidação e manutenção do nível técnico-científico de nossa Faculdade, os créditos devem ir para o Prof. Linneu Mattos Silveira, figura carismática e respeitada pela comunidade científica de nosso Estado como hábil e notável cirurgião. Nos anos em que uma clínica particular de Cirurgia Geral e Cirurgia Plástica, pragmaticamente administrada e integralmente exercida, seria garantia de fama e fortuna, nosso primeiro Diretor optou pelo sonho de consolidar uma Faculdade de Medicina a enriquecer pelo exercício de sua clínica privada.

A esse médico, eminente professor e cirurgião de notório saber, símbolo de todos que lutaram e lutam pela nossa Faculdade, nosso pleito de gratidão e orgulho. Ao Prof. Linneu Mattos Silveira, os integrantes da Primeira Turma da Faculdade de Medicina de Sorocaba reivindicam, seja dado o nome oficial do Campus Universitário do Centro de Ciências Médicas e Biológicas de Sorocaba (PUC-SP).



Importantes personalidades participantes da fundação da Faculdade de Medicina de Sorocaba (da esquerda para a direita): Prof. Dr. Linneu Mattos Silveira, Dr. José Ermírio de Moraes, Prof. Dr. Odorico Machado de Souza, Prof. Dr. Renato Locchi e Prof. Dr. Humberto Cerruti.